

11. - 14. September 2013
Institut für Romanistik, Hamburg

11 a 14 de setembro de 2013
Instituto de Românicas, Hamburgo

10. Deutscher Lusitanistentag
X Congresso Alemão de Lusitanistas

M i g r a t i o n u n d E x i l
M i g r a ç ã o e e x í l i o

Sektion 5 || Secção 5

Krieg und Gedächtnis in den lusophonen afrikanischen Literaturen || Guerra e memória nas literaturas africanas

(Joachim Michael)

Abstracts/Resumos

Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI/PROPESQ)

Guerra, exílio e memória em *a geração da utopia* de Pepetela

Em *A geração da utopia*, de Pepetela, a memória perpassa todos os períodos da narrativa, da independência de Angola, após mais de uma década da guerra colonial na segunda metade do século XX, até as três décadas da guerra civil pela independência. Nesse trabalho propomos discutir de que forma os estudantes africanos em Portugal planejavam fugir e exilar-se na França, considerada o asilo de todos os contestatários. De que modo essas personagens utilizavam-se da memória e de estratégias de sobrevivência para permanecerem em uma sociedade dividida entre os aspectos culturais impostos pelos colonizadores, as rivalidades tribais, a violência dos traumas de guerra e as constantes lutas pelo poder? Como a memória dos integrantes contribuiu para a narrativa, desde as reuniões com o planejamento, anterior à luta armada pela independência em 1961, até o início do processo de democratização do país em 1991? O apoio teórico para auxiliar nas problematizações que *A geração da utopia* provoca baseia-se nos estudos de Kwame Anthony Appiah, Joseph Ki-Zerbo, Marcio Seligmann, Frantz Fanon, Bittencourt, Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Edward Said, entre outros, no que diz respeito à história, os traumas de guerra, a memória e o exílio.

Leda Marana Bim

Resumo: *O sangue da buganvília*: a guerra no feminino

A literatura feminina na África colonial é uma das principais fontes para o entendimento dos diferentes papéis conferidos e assumidos pela mulher, pois como afirmou a escritora moçambicana Lília Momplé, a mulher sempre foi a responsável em passar às novas gerações os valores culturais e as tradições, mesmo nos tempos de guerra. Depois de anos de guerra colonial, é na escrita que muitas escritoras e poetisas africanas encontram o caminho para relatar as experiências traumáticas de seu povo e quebrar o silêncio através dos fios da memória. A partir do livro de crônicas *O sangue da buganvília* de Ana Paula Tavares do ano de 1998, pretendo abordar de que modo a literatura capta o

Sektion 5 || Secção 5: Krieg und Gedächtnis in den lusophonen afrikanischen Literaturen || Guerra e memória nas literaturas africanas

(Joachim Michael)

papel social e a experiência das mulheres e crianças de sua pátria diante da insanidade bélica, posto que estas são em maioria as principais vítimas.

Como já afirmou Heloisa Buarque de Holanda, ao discutirmos a linguagem e identidade feminina, devemos avaliar também as condições e os contextos sociais e históricos em que estas mulheres se encontram.

O objetivo deste trabalho é discutir como as experiências traumáticas da guerra colonial, em especial em Angola e Moçambique, são apresentadas na literatura de autoria feminina e de que modo a literatura capta o papel social da mulher perante o contexto bélico, posto que este é considerado um fenômeno exclusivamente masculino.

Elena Brugioni

Nos Interstícios da História.

Guerra e Memória na obra literária de João Paulo Borges Coelho

A obra literária de João Paulo Borges Coelho sugere uma redefinição original e paradigmática da relação entre História, Memória e Representação, apontando para constelações conceptuais significativas que marcam a leitura crítica da escrita deste autor. Particularmente emblemático é o diálogo entre ficção e história que o projecto criativo de Borges Coelho propõe relativamente a momentos de transição e situações emblemáticas que marcam a história de Moçambique, proporcionando um conjunto de itinerários críticos relevantes que se prendem com o contraponto entre esfera pública e dimensão privada, individuo e comunidade. Exemplar, neste sentido, é, porventura, a temática da guerra que atravessa diferentes obras de Borges Coelho, cuja abordagem proporciona uma reflexão crítica situada em torno de um conjunto de estratégias literárias e paradigmas críticos que a obra deste autor convoca e sugere. Neste sentido, a partir de uma leitura do romance *As Duas Sobras do Rio* (Coelho, 2003) procurarei articular uma reflexão crítica e conceptual em torno da relação entre história, memória e representação, observando como a temática da guerra permite evidenciar algumas características marcantes da escrita deste autor.

Maria Luísa Coelho (Instituto Camões nas Universidades Humboldt e Freie de Berlim)

A representação literária dos conflitos armados e a sua relação com a construção da identidade e da memória cultural

A guerra colonial, tema que ainda hoje com alguma dificuldade se aborda, quer em Portugal, quer nos países onde ela se travou, foi um acontecimento vivido a várias vozes, numa polifonia pluricontinental. Ocorrida num mesmo período de tempo, mas em diferentes e distanciados espaços, é-nos apresentada sob diversos pontos de vista pelos vários tipos de observadores e participantes comprometidos – aquém e além-mar. Nesta comunicação, terei como objetivo descrever e analisar na ficção, representações da guerra colonial angolana e o seu prolongamento na guerra civil. Incidirei sobretudo na obra *Geração da Utopia*, de Pepetela: ouvindo as vozes em conflito e que se enfrentam,

Sektion 5 || Secção 5: Krieg und Gedächtnis in den lusophonen afrikanischen Literaturen || Guerra e memória nas literaturas africanas

(Joachim Michael)

oriundas de um mesmo campo que aparentemente não devia estar minado, mas que na incompreensão e horror da guerra se descobrem múltiplas; observando como as premonições da guerra civil, que acompanhou a independência, ecoam já nas dissidências internas (e étnicas) das vozes dos guerrilheiros; percebendo como essas representações contribuem para a formação de uma identidade coletiva e criação de laços culturais.

Ute Fendler

***O vento sopra de norte* - Teil eines verlorenen Gedächtnisses**

Der Film *O vento sopra de norte* des mosambikanischen Regisseurs José Cardoso von 1987 wurde erst 2011 restauriert und damit einem Publikum wieder zugänglich gemacht. In den 1980er Jahren war er einer der wenigen Spielfilme, die sich mit dem Krieg beschäftigen. Der Beitrag wird sich mit der Bedeutung des Films zu seiner Zeit beschäftigen und untersuchen, was der Zugang zu diesem Film 15 Jahre später für die Konstruktion von Gedächtnis in Mosambik bedeuten könnte.

Roberto Francavilla (Universidade de Génova)

A deconstrução do mito em *Os cus de Judas* de António Lobo Antunes: trauma, autofagismo, distância

A minha intenção è perceber que tipo de romance é *Os cus de Judas*, verdadeira cartilha do trauma existencial (do narrador, com a experiência da guerra em Angola) e coletivo (o definitivo desfecho do mito ultramarino); individuar a peculiaridade dalguns temas e analisar estes temas em relação ao contexto político e histórico de Portugal (se é verdade, como diz Eduardo Lourenço, que a obra de Lobo Antunes é um retrato de Portugal), com o objetivo de investigar sobre a criação, a manipulação e em seguida deconstrução dum mito cultural a partir da imagem dum espaço significativa, a África, sem esquecer que esta relação entre texto e ideologia colonial afunda as suas origens em outras épocas. O romance (falso monólogo) de Lobo Antunes pertence de facto à literatura de solilóquio: um dos mais flagrantes resultados duma política censória que tem o seu ápice exactamente na época em que se desenvolve a acção recuperada na memória da voz narrante. É a censura do poder, o controle obsessivo do Estado Novo sobre a voz da verdade. O tema do passado próximo de Portugal. A reformulação das componentes da identidade lusitana, sempre segundo Lourenço, não pode prescindir da crítica do mito, nomeadamente o mito produzido por uma nação colonizadora que encontrou na dimensão marítima não apenas a plataforma económica para o proprio consolidamento mas também as raízes históricas da sua embora episódica grandeza. O discurso elaborado em volta do tema dos *descobrimientos* transitou do plano da História ao do mito, para ser eternizado e entregue ao imaginário coletivo. Na literatura encontramos os modos e as narrações desta eternização através dum processo que se renova constantemente conforme os modelos produzidos pela época de que é um reflexo.

Sektion 5 || Secção 5: Krieg und Gedächtnis in den lusophonen afrikanischen Literaturen || Guerra e memória nas literaturas africanas

(Joachim Michael)

Isabel Francisco

Gedächtnis und Identität in *Mistida* von Abdulai Silá

Der Roman *Mistida* besteht aus zehn Kapiteln, die sowohl als eigene Erzählungen für sich allein stehen können als auch, um nur einige Bezüge zu nennen, über einige Figuren sowie die gewählte Licht- und Wettermetaphorik miteinander verknüpft sind. An der Struktur lässt sich bereits erkennen, dass die einzelnen Handlungsstränge zwar die ganz persönlichen Geschichten der Figuren beleuchten, jedoch auch – ohne dass ihnen dies unter Umständen bewusst ist – alle miteinander verbunden sind. Erzählt werden Szenarien aus dem Alltag diverser Figuren, die vom Krieg beeinflusst sind. Neben dieser besteht die augenfälligste Gemeinsamkeit der verschiedenen Handlungsstränge darin, dass in jedem eine *mistida* als Knoten- und Angelpunkt fungiert. Diese *mistidas* sind Projekte oder Aufgaben, die sowohl einem inneren Wunsch als auch einer Notwendigkeit entsprechen und eine politische Implikation haben. Sie weisen alle in die Zukunft, in der die Kriegserfahrung überwunden wird bzw. zu einer autonomen und selbstverantwortlichen Haltung der Figuren führt. Die kulturelle Identität in Guinea Bissau, die das Gedächtnis an den Krieg formiert, wird somit umgeschrieben. Dies lässt die Frage aufkommen, wie die Erinnerungen an den Krieg die Identität der Figuren beeinflusst bzw. welche Inhalte aus dem Kriegsgedächtnis dabei eine Rolle spielen. Weiterhin korrelieren Kriegserfahrung und die *mistidas* mit der Identitätsbildung nicht nur der Figuren, sondern können auch zusammengenommen als Programm für eine alternative kollektive Identität in Guinea Bissau, wo der Roman spielt, gelesen werden.

Silvio Renato Jorge (Universidade Federal Fluminense)

Ler a guerra para falar da memória: João Paulo Borges Coelho

Este trabalho pretende analisar a obra de João Paulo Borges Coelho, sobretudo o romance *O olho de Herzog* (2010), destacando a referência à guerra como instrumento de percepção das contradições que marcaram o processo de formação do país. Organizado a partir de capítulos que se alternam entre a narrativa em terceira pessoa do trânsito de Henry Miller por Lourenço Marques e a memória de Hans Mahrenholz (a verdadeira identidade do suposto Miller) da campanha na Guerra, com o general Lettow-Vorbeck, essa trama se dilui nas imprecisões dos relatos e nas interferências do passado sobre o presente, desvelando alguns mistérios para, mais tarde, ampliar outros. Assim, se por um lado a I Guerra Mundial aparece como pano de fundo para um relato de traições e de mistério; por outro, o romance enuncia uma reflexão consistente acerca da violência inerente ao processo colonial e aponta as relações de força envolvidas em tal processo. É fundamental, nesse sentido, a presença no texto de um jogo entre história e ficção muito sedutor a reunir personagens históricos como o já citado general Lettow-Vorbeck e o jornalista João Albasini, ambos constituídos por traços dúplices que encenam as indagações do narrador sobre a relativização da história como discurso capaz de construir verdades: o comandante rígido e o homem doente, o jornalista atuante e o homem apaixonado, indivíduo que transita entre aquilo que seria o mundo dos brancos e as práticas sociais de sua comunidade. Ainda que não descreva batalhas de forma

Sektion 5 || Secção 5: Krieg und Gedächtnis in den lusophonen afrikanischen Literaturen || Guerra e memória nas literaturas africanas

(Joachim Michael)

concreta, a obra de Borges Coelho dialoga com a proposta desse simpósio quando nos mostra que, “para descifrar o desastre do presente”, (...) “se volta ao passado e faz aparecer os laços invisíveis que prendem o presente àquilo que (em princípio) já passou”. Ao falar do passado colonial, o autor aponta para a crise presente em sua sociedade, desvelando motivos e revelando a palavra literária como instrumento de problematização dos despojos que as guerras entregaram aos homens do presente na lida para construir um país de todos.

Emanuelle Santos (Universidade de Utrecht)

Reescritas Pós-coloniais de Memórias Pós-Conflito: Teoria Geral do Esquecimento de José Eduardo Agualusa.

A situação de conflito está na gênese da constituição do estado independente de Angola. Formada a partir da lenta condensação de uma consciência nacional que se encontra nas bases ideológicas da Guerra pela Libertação, a ideia de Angola surge como uma representação identitária construída, em grande medida, a partir da relação de oposição com um inimigo comum que vinha “de fora”, com os modos e as feições representativas do colonialismo português. Entretanto, a natureza da guerra civil que assolou o país entre os anos de 1975 e 2002, estremeceu as frágeis bases em torno das quais os povos encerrados no território angolano se uniram. Tal como é característico das guerras civis, o inimigo não era mais o “de fora”, e a desconstrução da figura do inimigo comum também abala as bases sobre as quais se edificam a figura do herói, personificada pelo ex-combatente da guerra pela independência, convertido agora em polícia do aparelho estatal. É na esteira dessa ‘dupla situação pós-conflito’ que José Eduardo Agualusa tece sua *Teoria Geral do Esquecimento*, romance do qual o presente trabalho parte, a fim de discutir o controverso jogo de lembrança e esquecimento que subjaz à escrita contemporânea da Angola pós-colonial e pós-conflito.

Licia Soares de Souza, UNEB/CNPQ

Memórias das travessias África/Brasil em *Um defeito de cor*

Ressaltamos a saga de Kehinde, personagem de *Um defeito de cor* (2010), de Ana Maria Gonçalves, que aborda a história do tráfico negreiro da África, preservada na memória das mulheres escravizadas. Essa memória histórica, vista por uma personagem, vinda da África para o Brasil, é investida pela técnica da *metaficção historiográfica*, no sentido em que Gonçalves põe em cena e dá voz a um ser dominado no sistema escravista, que revela episódios do tráfico de escravos, não esclarecidos, ou mesmo omitidos, pela história oficial. Enfatizamos a representação da Revolta dos Malês, iniciada por escravos mulçumanos (das etnias hauçá, igbomina e Picapó) com o propósito de liberar os escravos da mesma religião. Como Kehinde volta à África, depois de liberta, ela funciona como um signo-veículo que testemunha os vários tipos de travessias África/Brasil, durante as quais formações culturais são mostradas, em suas transformações, assim como variados conflitos e embates do período de comércio de escravos africanos.

Suza Vasconcelos (Universität Tübingen)

A palavra contra o esquecimento: a estética do des-estranhamento em *Terra sonâmbula* de Mia Couto

O romance *Terra sonâmbula* de Mia Couto costuma ser visto pela crítica como a *outra* história moçambicana, à medida que „resgataria“ a memória da experiência com a guerra civil que a anistia viria a silenciar. Por ser a tônica da narrativa de Couto dada pelo elemento fantástico, tal recepção tem como implicação o reconhecimento de uma alteridade discursiva que se contrapõe ao *logos*, como se o mito e a fantasia se afirmassem instrumentos tão poderosos quanto necessários para tornar dizível o indizível da experiência limite. O que por um lado se revela subversivo do ponto de vista do discurso, por outro lado reflete a inversão das ordens organizadoras da experiência do indivíduo, causada pela normalização do estado de exceção instaurado pela violência. Visto a guerra ter rompido as fronteiras que separam o orgânico do inorgânico, o animal do humano, os mortos dos vivos - o que literalmente o faz ao obrigar os sobreviventes a conviverem com a morte - a realidade das personagens de *Terra sonâmbula* carece de limiar. O limiar em *Terra sonâmbula* parece existir somente como forma de demarcar uma inversão da ordem racional, criando um universo no qual a loucura, o sonho e a fantasia se configuram como formas de resistência à falta de lógica da des-ordem vigente. As personagens de *Terra sonâmbula* são aqueles „deixados para trás“ nos combates: velhos, mulheres, crianças, aleijados, estrangeiros, loucos. O que lhes garante a sobrevivência, muito embora confundida com a morte, não são as armas, mas a imaginação. Isto faz de *Terra sonâmbula* uma alegoria de uma experiência de devastação quase ilimitada. Somente a própria guerra parece permanecer estranha no romance, dotada que é de uma estranheza radical - ou seria tão somente a constatação de sua inexorabilidade, perguntamo-nos. O espaço que o texto lhe nega confere-lhe ainda mais poder, tornando-a uma espécie de ausência-onipresente a cada palavra. Se em *Terra sonâmbula* a guerra é Deus, afinal é até mesmo ela que interrompe a narrativa, parece restar-nos compreender a última batalha como aquela entre a guerra e o próprio texto.